



MEMÓRIA, IDENTIDADE E LITERATURA BRASILEIRA EM *DIÁRIO DE UM FESCENINO (2003)*

Verônica Andrade Braga Sousa¹

RESUMO

Em *Diário de um Fescenino*, Rubem Fonseca apresenta Rufus, escritor considerado fescenino por manter relações afetivas simultâneas com duas mulheres. Além de narrar aventuras presentes, Rufus rememora episódios da infância, juventude e fase adulta, revelando sua identidade por meio de experiências de memorialística. A obra também representa a identidade brasileira nos detalhes da oralidade, hábitos e costumes, bem como nas problemáticas sociais — racismo, machismo e desigualdade. Para a análise, utilizam-se os estudos de memória e identidade de Le Goff (2003), Candau (2011) e Pollak (1992), e de cultura e identidade brasileiras de Bosi (2011) e Cândido (2006-2011), além de dados estatísticos atuais que reforçam as discussões. O objetivo é investigar como Fonseca, por meio de uma literatura genuinamente brasileira, utiliza Rufus para críticas sociais, transformando a narrativa em instrumento de questionamento e denúncia das estruturas que ainda determinam o destino de muitos no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Memória, Identidade, Literatura Brasileira, Rubem Fonseca.

INTRODUÇÃO

Em *Diário de um Fescenino*, Rubem Fonseca apresenta o escritor Rufus, considerado um fescenino por ter o hábito e o prazer de sempre se relacionar afetivamente com duas mulheres ao mesmo tempo. Assim, o personagem se envolve em diversas questões: a visão peculiar de Rufus sobre as mulheres, e como ele se relaciona com elas, constrói o enredo da história. É um personagem complexo, carregado de ironia, cinismo e uma visão mordaz da sociedade. O escritor não somente relata suas aventuras do presente, como também retoma algumas memórias da sua infância, juventude e fase adulta. Esses relatos ajudam os leitores a compreender melhor a identidade do personagem a partir de suas experiências de memorialística.

Ademais, a obra também busca representar a identidade brasileira, nos pequenos detalhes; através da oralidade, hábitos e costumes brasileiros, como também nas problemáticas enfrentadas pelo país; racismo, machismo, desigualdade social. Dessa

¹ Graduada em Letras (UVA). Especialista em Língua Portuguesa, Literatura e História (UNINTA/UNIVITÓRIA). Discente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em História e Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

forma, é possível analisar a identidade nacional do Brasil, comumente já bastante explorada na literatura, pois, segundo Antônio Cândido (2006), “a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros”.

Logo, essa pesquisa se mostra pertinente e justificável por abordar, dentro dos estudos de Memória, Identidade e Cultura, uma relação entre contexto social brasileiro, suas características e seus desafios. Para isso, utiliza-se estudos de Le Goff (2003), Candau (2011), Pollak (1992), na construção dos conceitos de memória e identidade, além de Bosi (2011) e Cândido (2006-2011) na análise literária de cultura e identidade brasileira. Ademais, são utilizados dados estatísticos atuais para uma representação material das discussões levantadas.

Por fim, o objetivo desse trabalho é investigar como Rubem Fonseca, por meio de uma literatura genuinamente brasileira, utiliza seu personagem Rufus para fazer análises críticas sobre a sociedade. Assim, o personagem também precisa ser visto a partir de suas memórias e identidade, a fim de compreender melhor suas excentricidades. Portanto, acredita-se na relevância deste estudo para a comunidade acadêmica por explorar, por via literária, as questões sociais relevantes a serem superadas pela sociedade brasileira.

MEMÓRIA E IDENTIDADE EM DIÁRIO DE UM FESCENINO

Diário de um Fescenino é uma obra do autor Rubem Fonseca, um dos mais importantes escritores brasileiros, conhecido por sua narrativa crua, direta e envolvente. Nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, Fonseca se destacou no cenário literário a partir da década de 1960, com obras que exploram temas urbanos, sociais e psicológicos, muitas vezes envolvendo personagens marginais e cenas de violência. Sua escrita é marcada pelo uso de diálogos naturais e um estilo cinematográfico, por isso, rompeu com as convenções literárias tradicionais, influenciando gerações de escritores. Autor de livros como *Feliz Ano Novo*, *O Cobrador* e *Agosto*, Rubem Fonseca recebeu prêmios como o Jabuti e Camões, consolidando-se como um dos grandes nomes da literatura contemporânea em língua portuguesa.

Ademais, Alfredo Bosi (2011) caracterizou a obra de Rubem Fonseca como "brutalista", destacando sua representação crua e direta da violência urbana. Essa

análise está presente no livro *O Conto Brasileiro Contemporâneo*, organizado por Bosi, no qual ele explora as características distintivas do conto brasileiro moderno, incluindo a escrita de Fonseca. Sendo assim, pode-se afirmar que o autor inovou ao trazer para a narrativa brasileira um realismo seco e cortante, com uma escrita que traduz a violência e a complexidade do mundo urbano contemporâneo, sem concessões ao melodrama ou à idealização.

Em 2003, é publicado *Diário de um Fescenino*, com uma tiragem preliminar de 40 mil exemplares. O livro foi *best-seller* instantâneo. A obra foi recebida como uma provocação literária, reafirmando a coragem de Fonseca em desafiar convenções e explorar os limites da linguagem e da narrativa. Trata-se de um diário fictício, escrito por Rufus, um escritor que mergulha em reflexões pessoais, confissões e críticas sociais, expondo os desejos, obsessões e ambiguidades do ser humano.

A personalidade multifacetada de Rufus reflete o estilo característico de Rubem Fonseca, que frequentemente constrói protagonistas intensos e provocadores, desafiando os limites da narrativa convencional. A característica mais chocante, a qual desencadeia todo enredo da história, é o seu desejo de ter sempre duas mulheres ao mesmo tempo. E, assim, ele acaba se envolvendo com Henriette e Lúcia, depois com Virna e Clorinda, mãe e filha respectivamente. Por se considerar um grande admirador de mulheres, durante o seu diário, Rufus traz sempre análises sobre o sexo oposto: “Mulher é bom, mas dá trabalho” (Fonseca, 2003, p.30). Dessa forma, Rufus, em seu diário, debruça-se sobre sua relação com as mulheres e as consequências do seu gosto peculiar de sempre manter duas namoradas, a escrita do seu novo livro e memórias do passado.

Além disso, ainda sobre a personalidade de Rufus, pode-se notar que, por muitas vezes, o personagem assume um papel de cínico e presunçoso. Segundo Junior (2019, p.10),

Rufus é um personagem efêmero, ateu e extremamente insatisfeito com a vida e com as mulheres, transmitindo a imagem de um ser incompleto que sobrevive em meio a uma transição de identidades, o que é comum na contemporaneidade: um sujeito que não possui uma identidade única, mas é formado por várias identidades imbricadas.

Por diversos momentos em seu diário, Rufus se mostra confuso e contraditório. Sendo assim, ele traz diversos questionamentos, o que pode simbolizar sua busca em

relação a si mesmo. Apesar de ironizar o uso de diários por diversas vezes, ele ainda recorre ao método como uma busca de si:

O Barthes diz que o que um diário postula não é a trágica pergunta do louco “Quem sou eu?”, mas a cômica pergunta do desnorreado: “Sou?”. Um comediante, é isso que é o sujeito que escreve um diário. [...] Quero deixar claro que não estou, à maneira de Kierkegaard, buscando um caminho para atingir a serenidade espiritual através de Deus, eu sou ateu, [...]. O que sinto é uma consciência de mim mesmo [...]. Isso será causado por eu estar escrevendo este meu autorretrato disfarçado de diário? Estarei, inconscientemente, escrevendo este diário para descobrir quem sou, trazer à tona os crimes que cometi, [...], para encontrar um sentido para a minha vida? O mesmo impulso que leva o poeta a escrever poesia? (FONSECA, 2003, p. 200).

Ao decidir escrever um diário, o personagem parece não saber ao certo por qual motivo está escrevendo e faz indagações sobre a essencialidade dessa ação para si:

Olhar, então, para o meu passado? Eu não vivi tanto assim, tenho poucas lembranças e de qualquer forma, como disse um colega, nossa memória sempre distorce o passado conforme os interesses do presente, e mais fiel autobiografia mostra mais o que o autor é hoje do que o que foi hoje. (FONSECA, 2003, p. 14).

Com isso, o escritor assume ter poucas lembranças para compartilhar, contudo, no decorrer do diário, Rufus recobra memórias marcantes de sua vida e, como ele próprio já afirma, tais memórias ajudam a compreender melhor o presente e sua própria identidade. Segundo Pollak (1992, p.205), a construção identitária “é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”. Por isso, as interferências externas podem ser um modificador da identidade do indivíduo, o que explica a constante busca por afastar os outros do convívio. Contudo, também surge o desejo de mantê-los próximos, já que eles desempenham um papel essencial na formação da identidade do indivíduo.

Dessa forma, acredita-se que as experiências do personagem, as memórias percorridas por Rufus, ajudam a compreender mais sobre essa sua identidade multifacetada. Levando em consideração a premissa de Pollak (1992) supracitada, pode-se analisar umas das características mais intrigantes do personagem: sua relação com as mulheres. As mulheres sempre passaram em sua vida de maneira breve, algumas vezes

por sua escolha e outras não, perdeu a mãe no seu parto e, ao perder também o pai ainda criança, acabou sendo criado por vizinhas solteironas, como já eram idosas, o garoto viu cada uma adoecer e falecer, uma a uma. Essa experiência de Rufus também pode ter influenciado em outra característica da sua identidade: o ateísmo.

A última morreu quando eu tinha dezesseis anos. Foi a partir dessa idade que eu me tornei um ateu, eu tinha quatro mães, umas santas, e Deus matou todas elas enquanto eu ainda era uma criança, duas sofreram muito antes de morrer, Deus cortou as pernas delas, uma perna de cada uma, Deus devia ser muito mau, além de omissivo e sub-reptício, e vivia sempre acompanhado do Diabo, um não existia sem o outro. Costumo pensar nesse assunto de Deus e Diabo dessa maneira infantil, mas o certo é que continuo até hoje (FONSECA, 2003, p. 53).

Logo, com a morte das suas mães de criação, um parente das senhoras reivindicou a casa onde elas moravam, contudo, o primo da tia disse que Rufus podia morar com eles no apartamento em Copacabana. Então, Rufus passou a morar com Gonçalves, o tal primo, e sua família. Apesar de ser quase um semianalfabeto, Gonçalves se preocupava com os estudos, pagava os estudos de Rufus e vivia comprando livros para a filha, uma menina de 13 anos chamada Berenice. Foi então que Rufus teve suas primeiras paixões: os livros e a Berenice. Com o tempo, Gonçalves percebeu a relação dos dois e ofereceu dinheiro para que Rufus rompesse com o namoro, o que ele acabou fazendo.

As lembranças, ancoradas na memória, fazem-se presença constante no diário de Rufus. O autor também recobra outra figura feminina importante na sua trajetória de vida: Elizabeth. Rufus a menciona logo nas primeiras páginas do diário ao ser tomado por uma lembrança: “Essa alergia boba, sem importância de Henriette me incomodou. Elizabeth tinha alergia a picada de abelha. Não quero falar sobre Elizabeth” (Fonseca, 2003, p.35), contudo, só conta a história sobre ela já quase nas últimas páginas do diário, o que mostra a hesitação de Rufus em ter contato com essa lembrança.

Com isso, embora ele tenha dito que não queria falar sobre ela, logo chega o momento em que ele vai retornar ao passado para falar de Elizabeth. Assim, segundo Candau (2011, p. 141), “há coisas que resistem ao esquecimento (...) as lembranças esquecidas permanecem em reserva, força perigosa e imprevisível que pode vir a assolar a identidade do sujeito se, por azar, ele abaixar a guarda e enfraquecer suas resistências”.

Rufus, então, conta a trágica história da morte de Elizabeth, a qual morre por picadas de abelhas, por ser muito alérgica, durante uma trilha. O escritor relata o quanto se sentiu culpado pela morte de sua namorada na época. Ao descrever sua relação com Elizabeth, pode-se notar o grande sentimento que mantinha, pois a pediu em casamento e prometeu se converter ao judaísmo por ela, mesmo sendo ateu. Segundo Candau (2011, p. 128), “não existe um ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes”, por isso, no presente, Rufus, por diversas vezes, demonstra sua aversão pelo casamento ou comprometimento de fidelidade, no entanto, percebe-se que, ao trazer as memórias sobre sua relação com Elizabeth, nem sempre ele teve essas resistências ao compromisso amoroso.

Ademais, o escritor ainda menciona sua ex-namorada Joana, que morreu atropelada por um caminhão, ele deu as características de Joana a uma de suas personagens. Portanto, percebe-se como Rufus leva sua vida pessoal para suas obras, pois, como Aristóteles afirmou em *A poética*: “a lembrança desperta o fazer criativo”. Sendo assim, Rufus, além transparecer sua identidade, crenças e pensamentos em seu diário, também faz o mesmo em suas obras fictícias. Por diversas vezes, o autor menciona a síndrome de Zuckerman, baseada em um personagem de Philip Roth, na qual o autor não consegue desassociar a sua imagem dos seus personagens. Rufus, e principalmente as pessoas ao seu redor, percebem a proximidade da vida do autor com a sua obra.

Segundo Candau (2011), uma das formas de exteriorizar a memória é por meio da escrita. Rufus sempre teve a leitura e a escrita presente em sua vida. Em seu diário constantemente cita diversas obras e autores: “Acho que foi o Maurois quem disse que a necessidade de se expressar literariamente resulta de um desajustamento, ou conflito interior, que a pessoa não consegue resolver de outra forma” (Fonseca, 2003, p. 249). Sendo assim, percebe-se que a construção da identidade do personagem principal de Rubem Fonseca é permeada por umas experiências passadas: o contato com a literatura e as mulheres, algo marcante no personagem que, a partir do seu diário, adentra em suas memórias e exterioriza suas questões do presente. Dessa forma, a memória realiza um trabalho muito importante na confirmação da identidade “cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (Le Goff, 2003, p. 419).

A IDENTIDADE BRASILEIRA ATRAVÉS DE RUFUS

A partir dos românticos, iniciou-se a procura pela identidade brasileira, nesse caso, sendo uma visão mais idealizada do povo: herói, conquistador, acolhedor. Já em 1922, os modernistas retomaram a procura por essa identidade brasileira, porém, agora ironizando os estereótipos e tentando trazer uma visão mais realista, usando de diversos artificios, como o folclore, para elucidar melhor o brasileiro, assim como fez Mario de Andrade em *Macunaíma*. Com isso, pode-se notar que a literatura sempre buscou caracterizar a nação, por isso, possui grande influência na construção da identidade brasileira, como afirmou Antônio Cândido em *Literatura e Sociedade* (2006): “diferentemente do que sucede em outros países, a literatura tem sido aqui, mais do que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito” (p. 137)

Através dos romances, os escritores trouxeram um pouco do que seria tipicamente brasileiro, pois o tema identidade e cultura nacional é constantemente revisto e posto em debate com o passar do tempo. A partir do século XX, o Brasil passou por um processo de urbanização, sendo assim, deixou de ter a maioria da população localizada no âmbito rural e se tornou uma nação mais moderna. Com isso, a cidade passou a ser bem mais representada na literatura, surge então o romance urbano.

Os romancistas contemporâneos trouxeram para esses romances urbanos a representação da sociedade burguesa nas cidades, no caso do autor Rubem Fonseca, há busca por retratar a experiência burguesa carioca. Além disso, um estereótipo levantado por Fonseca, em *O Diário de Fescenino* e em outras obras sua, é a monopolização do país em apenas duas cidades, muitas vezes quando se fala do Brasil no exterior, sempre referenciam o país apenas com São Paulo e Rio de Janeiro. A ideia de que São Paulo e Rio de Janeiro são frequentemente vistas como representações principais do Brasil no exterior pode ser explicada pela relevância histórica, econômica e cultural dessas cidades no cenário nacional. Contudo, o Brasil é um país com grande extensão territorial e engloba diversos estados, culturalmente divergentes também, portanto, não se pode resumir o Brasil em apenas duas capitais.

Mãe de Henriette, que tem recursos, mora em São Paulo, numa mansão, e quando vem visitar a filha sempre cria problemas para mim. (...) A conversa de sempre, a mãe não gosta que a filha more sozinha no Rio, quer que ela volte para São Paulo. Quando Henriette diz que eu trabalho no Rio, a mãe responde que eu não trabalho tanto assim e posso trabalhar onde quiser, só preciso de energia elétrica e um computador e que São Paulo é a melhor cidade do Brasil (Fonseca, 2003, p.15)



Embora seja mais conhecido por seus contos, Rubem Fonseca passeia por diversos gêneros, tendo os romances policiais também como sua marca registrada. Em suas obras, traz a violência urbana e a devassidão moral humana como principais temáticas a serem abordadas, mais do que isso: a violência no cotidiano brasileiro. Algo também evidenciado por Antônio Cândido (2011) quando afirmou que Fonseca tem um realismo feroz.

Esse aspecto “brutalista” de Rubem Fonseca, como adjetivado por Bosi (2011), no entanto, não foi bem-visto na década de 70, quando o regime militar proibiu a circulação do livro de contos *Feliz Ano Novo*. O autor foi acusado de ferir a moral e os bons costumes com seus conteúdos considerados pornográficos. Assim como o seu personagem Rufus: “É melhor ir separando os livros que vai ler quando entrar em cana. Você já foi acusado de pornográfico, de fazer apologia do crime, de inimigo da moral e dos bons costumes, de blasfemo, até de anticristo” (Fonseca, 2003, p.180). Outro elemento que incomodava nas suas obras eram os frequentes palavrões. Contudo, a ferocidade dos seus escritos tem o propósito de escancarar a realidade da violência no âmbito nacional. Por isso, o autor também traz duras críticas a sociedade através de seus personagens.

Em *O Diário de um Fescenino*, Rufus, um escritor mulherengo, mentiroso e irônico, através do seu diário, aborda algumas problemáticas refletidas no Brasil atual. A história parece se tratar apenas de um homem com pouco caráter que tem o costume de enganar duas mulheres ao mesmo tempo. No entanto, ao analisar a história de Rufus com um olhar mais crítico, é possível notar as questões sociais que o escritor aborda. Por isso, além das aventuras sexuais do personagem, há críticas mordazes sobre a sociedade como um todo, principalmente ao cenário do cotidiano brasileiro.

A literatura contemporânea tende, em alguns casos, a abordar a violência na condição de espetáculo, o que faz com que gere certa banalização dessa problemática social e, conseqüentemente, atue no processo de tornar “natural” essa realidade. Por outro lado, na maioria das vezes, o que se pretende é construir um pensamento crítico a fim de possibilitar a reflexão do leitor a respeito desse mal que assola as comunidades que vivem nos centros urbanos (Alves, 2010)

Percebe-se que o autor foi pioneiro ao perceber o Brasil emergente da urbanização desenfreada, onde a desigualdade extrema gerava uma distorção social em um país habitado por indivíduos que recorriam à justiça com as próprias mãos, apesar da existência de um código penal em vigor (Rodrigues, 2017). Em *O Diário de um Fescenino*, como forma de vingança ao descobrir que era traída com sua própria filha, Virna acusa Rufus de estupro, depois também acusado de assassinato de uma testemunha importante. Contudo, o real assassino, até o final da obra, não é identificado ou preso. Sendo assim, após toda violência exposta, o criminoso não é punido no final, embora Rufus não seja um personagem de bom caráter, não apresenta traços violentos.

Ademais, já no início, Rufus evidencia o seu desejo que retratar seu diário através de diálogos, embora não goste de escrever dessa forma. Por isso, o diário é marcado por diálogos populares, tipicamente brasileiros, o que reforçam a busca do autor em retratar o cotidiano, a fim de compor um espaço mais fiel à realidade dos personagens, utilizando expressões como: “Putaquepariu. Deus é brasileiro” (Fonseca, 2003, p. 104)

O autor faz uso de fortes elementos da oralidade do dia a dia, além de representar também rotinas comuns no Brasil, como suas vizinhas bisbilhoteiras, observam quem entra e sai do seu apartamento, além de escutar através das paredes o que conversam: “Tenho duas velhas como vizinhas, de um lado uma velhinha simpática, do outro uma velha harpia bisbilhoteira. Quando eu estou com alguém no hall, tenho certeza que esta última fica me espiando pelo olho mágico da sua porta.” (Fonseca, 2003, p.21)

Assim, uma rotina que não é comum em todas as nacionalidades, são excentricidades comumente vistas no cotidiano brasileira. Além disso, o autor analisa a forma como os brasileiros se relacionam afetivamente e compara com outras nacionalidades, culpabilizando esse jeito de ser brasileiro com as influências das novelas.

Nós brasileiros abusamos do *eu te amo*, até mesmo contaminamos os portugueses com esse refrão. Acho que foi Agustina Bessa-Luís quem disse que a televisão brasileira, as novelas da Globo, causaram esse contágio; anteriormente os portugueses diziam *gosto de ti*, tinham vergonha de dizer eu te amo. Essa mania nossa veio dos americanos, eles dizem eu te amo até para peixe no aquário. (p. 39)

As novelas brasileiras dos anos 2000 foram moldadas por diversas influências, o impacto da globalização e do avanço tecnológico popularizou as telenovelas nas residências de todo país como parte da rotina dos brasileiros. Em *O papel da telenovela brasileira na formação da opinião pública* de Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2003), aponta-se como as novelas da época envolveram veículos de transformação cultural, influenciadas pelo avanço do consumo de televisão em massa e pela inserção de questões sociais no enredo.

Ademais, em outra análise ao brasileiro, levanta uma questão socioeconômica:

Seu Gonçalves quase não sabia ler, mas era bom comerciantes. Foi abrindo pequenos supermercados nos subúrbios e no fim tinha uma grande cadeia de supermercado espalhados pela cidade, as coisas que um brasileiro nunca deixa de comprar são remédios e comida. De comer, todo mundo gosta, e pobre gosta mais de comer do que o rico, e como existe mais pobre do que rico os supermercados cada vez ganham mais dinheiro (Fonseca, 2003, p. 22)

Dessa forma, o autor expõe a realidade de muitos brasileiros que lutam para garantir o sustento, pois, como afirma, tem mais pobre que ricos. A desigualdade social no Brasil é uma das mais acentuadas do mundo, e a fome é um reflexo evidente dessa disparidade. Ainda há muita pobreza e miséria no país, por isso, para os pobres, a principal preocupação em suas vidas é alimentação, assim, o autor afirmar que eles gostam mais de comer do que ricos, pois valorizam mais o ato de ter o que comer e se fartar. No contexto atual, essa realidade por ser vista também através do números, o 2º Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil mostra que só 4 entre 10 famílias conseguem acesso pleno à alimentação.

Portanto, sobre os traços da identidade brasileiras na obra, percebe-se que o autor não só evidencia pequeno traços da cultura, mas também aborda as problemáticas que o Brasil enfrenta. Outra questão representada na obra é o racismo, ao descobrir de Rufus conversa com outra mulher, Lucia questiona logo a raça/cor dessa tal mulher, usando expressões pejorativas: “*Clorinda? Isso nome de mulatinha!// E se for?! Não quero conversar sobre isso. Ou melhor, quero sim. Você já namorou uma negra?*” (Fonseca, 2003, p.63). Lúcia insiste em saber se Clorinda é negra, usando sempre a expressão “*mulatinha*”, o que faz parecer que Lucia não aceita ser trocada por uma negra. O racismo no Brasil, embora muitas vezes velado, é uma questão estrutural que permeia diferentes esferas da sociedade brasileira.



A cultura brasileira euforizou de tal modo a mistura que passou a considerar inexistentes as camadas reais da semiose onde opera o princípio da exclusão: por exemplo, nas relações raciais, de gênero, de orientação sexual etc. A identidade autodescrita do brasileiro é sempre a que é criada pelo princípio da participação, da mistura. Daí se descreve o brasileiro como alguém aberto, acolhedor, cordial, agradável, sempre pronto a dar um “jeitinho”. Ocultam-se o preconceito, a violência que perpassa as relações cotidianas etc. Enfim, esconde-se o que opera sob o princípio da triagem (Fiorin, 2009)

Outra problemática da sociedade, presente no âmbito brasileiro, evidenciada por Fonseca na obra, é o machismo. Em diversos trechos do livro o autor reforça a ideia de cultura do machismo ainda muito presente, embora anos de luta para o reconhecimento da mulher na sociedade, o machismo é algo presente e aceito em muitas falas ditas comuns, mas repletas de preconceito nas entrelinhas. Pode-se notar isso a ideia que a mulher não sabe dirigir, em seu diário, Rufus destina um dia só para relatar um diálogo no qual o homem afirma que mulher não sabe dirigir e cobra sua companheira que confirme sua teoria, sendo até violento ao exigir essa confirmação. Essa estratégia do autor pode ser compreendida como uma forma de evidenciar diálogos que comuns na sociedade brasileira.

Uma verdade é que toda mulher gosta de apanhar. Mas hoje ninguém é maluco de fazer uma afirmativa dessa, nem mesmo os cientistas fundamentados em irrefutáveis dados científicos. Aquela frase do Nelson Rodrigues, “toda mulher gosta de apanhar”, que era referida jocosamente, hoje é de uma abominável incorreção política. Dizer isso numa petição seria suicídio, ainda mais no seu caso, com esse interesse escandaloso da mídia pelo seu processo. Mas isso é uma verdade absoluta: a mulher gosta de apanhar. E o homem gosta de bater.

Nesse trecho, além o personagem, advogado de Rufus, reforçar uma visão machista do relacionamento homem-mulher, a qual a mulher gosta de ser tratada com violência, pode-se notar que essa afirmação ainda ratifica a cultura do estupro, tema bastante polêmico na atualidade. A cultura do estupro no Brasil é sustentada por normas sociais e culturais que naturalizam a violência sexual e culpabilizam as vítimas, enquanto perpetuam a impunidade dos agressores. Como ainda visto nas falas do advogado de Rufus: “Meu caro, os juízes sabem que em matéria de crime sexual são frequentes as acusações falsas, notadamente por parte de mulheres histéricas ou neuropáticas” (Fonseca, 2003, p. 220).

Com base nos registros do Sistema Único de Saúde (SUS), em 2022, mais de 144 mil mulheres foram vítimas de algum tipo de violência. As meninas de até 14 anos são as mais vulneráveis e sofrem, proporcionalmente, mais ataques sexuais do que as mulheres adultas. Essa cultura é reforçada por discursos que minimizam o impacto do abuso sexual, bem como por lacunas no sistema jurídico e policial, que muitas vezes não oferecem o suporte necessário às vítimas: “As declarações da mulher são sempre recebidas com reservas, e os juízes sabem que não se deve dar créditos irrestrito à queixosa” (Fonseca, 2003, p.220).

Ademais, Rufus também faz críticas a cultura do entretenimento, o fato do seu editor sempre cobrar um livro novo que agrade o público. O contato constante com a mídia eletrônica, no entanto, tende a formar leitores que procuram nos livros o mesmo tipo de comodidade proporcionado por essa cultura:

(...) Meu editor vive me perguntando: ‘E o novo livro?’. ‘Está a caminho’, respondo. Neste momento, ele está pensando que estou escrevendo um novo livro que seja igual ao meu primeiro livro. O único que vendeu muito (...) Os temas estão aí, nada há de novo, nem os leitores gostam de novidade. Os leitores estão cada vez mais parecidos com os espectadores cinematográficos. A única literatura digna é aquela que assombra o leitor, essa ninguém compra. Eles gostam de temas manjados. (Fonseca, 2003, p. 68)

Tal realidade pode ser facilmente observada no Brasil atual, levando em consideração também a baixa na taxa de leitores brasileiros. A pesquisa de *Retratos da Leitura no Brasil* notou uma queda de 6,7 milhões de leitores nos últimos quatro anos e aumento do desinteresse na leitura em geral (VEJA, 2024). Os brasileiros estão cada vez mais distante da leitura e próximos grandes mídias e redes sociais.

Com isso, ao ser acusado de crime de estupro, Rufus se viu cercado por tabloides sensacionalista sobre o seu processo, muitos já o considerava culpado mesmo sem ainda ter tido um julgamento. A mídia, atualmente, é uma grande influência na formação da opinião pública, contudo, muitas vezes é um ambiente exploratório, o qual está sempre interessado no lucro, mesmo que para isso precise vender tragédias.

Meu editor esteve aqui. Trazia na mão um jornal, um desses pasquins populares, que publicava na primeira página a notícia de que o conhecido escritor Rufus estava sendo processado por crime de estupro, e numa página interna se mencionavam todos os títulos dos meus livros. Meu editor disse que eu ainda ia ganhar algum dinheiro com tudo aquilo: “Há males que vêm

pra bem”. O safado só pensa em dinheiro. Eu que me fodesse, o importante era vender livros (Fonseca, 2003, p.191)

Por fim, percebe-se que Fonseca vai além da simples descrição do cotidiano; ele utiliza uma linguagem crua e direta para criticar as principais problemáticas do Brasil, como a desigualdade social, o preconceito e a violência. Através de *O Diário de um Fescenino*, o autor denuncia a brutalidade das relações humanas. Dessa forma, a obra de Rubem Fonseca não apenas reflete o Brasil, mas também o questiona, desafiando o leitor a refletir sobre os desafios do âmbito nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira, ao longo dos anos, desempenhou um papel fundamental na construção e consolidação da identidade nacional. Desde o período colonial até a contemporaneidade, a literatura tem sido uma poderosa ferramenta de reflexão sobre as características sociais, culturais e políticas do Brasil. Através das obras de diversos autores, foi possível dar forma e voz às diferentes facetas do país, contribuindo para a unificação de uma identidade comum, ainda que plural, que representa a diversidade de povos, histórias e experiências que compõem a nação brasileira.

Na contemporaneidade, a literatura brasileira continua a ser um meio importante para representar e refletir sobre as diversas camadas da cultura nacional. Autores como Rubem Fonseca, por exemplo, têm sido essenciais ao utilizar suas obras para representar o Brasil de maneira multifacetada. Através de suas histórias, ele consegue captar tanto a simplicidade do cotidiano, com suas idiossincrasias, quanto as problemáticas mais complexas e persistentes do país, como a violência urbana e as desigualdades sociais. Essa capacidade de abarcar o Brasil em suas diferentes dimensões faz da obra de Fonseca uma representação literária crucial para entender as contradições da sociedade brasileira.

Em *Diário de um Fescenino*, Fonseca constrói uma narrativa que é, ao mesmo tempo, pessoal e universal. Através do personagem Rufus, o autor não apenas apresenta a complexidade de uma pessoa marcada pelas suas próprias experiências e traumas, mas também faz um retrato da sociedade ao seu redor. Rufus é um homem que carrega em suas memórias as marcas de um passado tumultuado, e é através de suas lembranças e reflexões que Fonseca constrói uma análise crítica das forças que moldaram sua

identidade. A sociedade em que vive, com seus valores distorcidos, sua violência e suas dificuldades, não é apenas o pano de fundo da narrativa, mas também um personagem ativo que influencia diretamente a formação do protagonista.

O personagem Rufus, portanto, torna-se um símbolo da complexa construção identitária do indivíduo em uma sociedade marcada por desafios constantes. Sua trajetória é, de certa forma, a de muitos brasileiros que, ao longo de suas vidas, são formados e deformados pelas condições sociais e políticas ao seu redor. A forma como Fonseca consegue retratar essas questões – sem simplificações, mas com uma crítica profunda e uma linguagem direta – é uma das grandes virtudes de sua obra. Em *Diário de um Fescenino*, a literatura se torna não apenas um reflexo da realidade, mas uma forma de questionamento e denúncia das estruturas sociais que continuam a determinar o destino de muitos. Assim, a obra de Rubem Fonseca segue sendo um poderoso meio de crítica e reflexão sobre as problemáticas que ainda desafiam o Brasil contemporâneo.

ABSTRACT

In *Diário de um Fescenino*, Rubem Fonseca presents Rufus, a writer considered fescenine for maintaining simultaneous romantic relationships with two women. In addition to narrating his present-day adventures, Rufus recalls episodes from his childhood, youth, and adulthood, revealing his identity through memoir-like experiences. The work also portrays Brazilian identity in the details of orality, habits, and customs, as well as in social issues—racism, sexism, and inequality. The analysis draws on studies of memory and identity by Le Goff (2003), Candau (2011), and Pollak (1992), and of Brazilian culture and identity by Bosi (2011) and Cândido (2006-2011), along with current statistical data that reinforce the discussions. The aim is to investigate how Fonseca, through genuinely Brazilian literature, uses Rufus to deliver social criticism, transforming the narrative into an instrument for questioning and denouncing the structures that still determine the fate of many in contemporary Brazil.

Keywords: Memory, Identity, Brazilian Literature, Rubem Fonseca.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rebeca. Aspectos da Contemporaneidade em O Selvagem Da Ópera (1994), de Rubem Fonseca. **ANAIS DO SETA**, Número 4, 2010.

ANDRADE, Mário. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução: Ana Maria Valente. 3ª ed. Lisboa: Fundação

BOSI, Alfredo (org). **O conto brasileiro contemporâneo**. Editora Cultrix. São Paulo. 2002.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Sistema Único de Saúde – SUS. Disponível em: <https://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/sistema-unico-de-saude>. Acesso em: 27 dez. 2024.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. 1.ed. 9ª

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, A. **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

FIORIN, José Luiz. **A construção da identidade nacional brasileira**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 115-126, 1o sem. 2009.

FONSECA, Rubem. **Diário de um fescenino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

JUNIOR, Cloves da Silva. As agruras do personagem escritor: a busca de si por meio da escrita no romance *Diário de um fescenino* de Rubem Fonseca. **Revista Vocabulo**. Ribeirão Preto – SP. 2019. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/61177293/Artigo_-_Revista_Vocabulo20191110-67372-1j5e5yw-libre.pdf. Acesso em: 23 nov. 2024.

LE GOFF, Jacques, 1924 História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão[et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 2003.

LOPES, Maria Imaculada Vassallo de. A telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Telenovela: Internacionalização e Interculturalidade** . São Paulo. 2003.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

REDE PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil** . 2022. Disponível em: [https://pesquisainsegurancaalimentar.org/\]\(.org/](https://pesquisainsegurancaalimentar.org/](.org/). Acesso: 20 dez. 2024. reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2023.

RODRIGUES, S. Rubem Fonseca parece encher nova obra com esboços tirados do lixo. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, p. 5, 08 abr. 2017. Folha Ilustrada.

VEJA. Pesquisa aponta que mais da metade dos brasileiros não lê livros. **Veja**, São Paulo, 10 set. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/pesquisa-aponta-que-mais-da-metade-dos-brasileiros-nao-le-livros>. Acesso em: 27 dez. 2024.